

O terremoto de Lisboa: do iluminismo ao existencialismo

The Lisbon Earthquake: From Enlightenment to Existentialism

NIKOLAS COPPI GONÇALVES¹

Resumo: O terremoto de Lisboa de 1755 teve um impacto profundo na filosofia ocidental, desafiando a visão tradicional de um Deus justo e controlador do mundo. Este evento trágico levou pensadores como Voltaire, Kant e Nietzsche a repensar o papel da razão, da religião e da moralidade na explicação do sofrimento humano. Voltaire criticou o otimismo teológico de Leibniz, enquanto Kant explorou os limites da razão humana diante de tragédias. Nietzsche, por sua vez, propôs que o sofrimento e o caos devem ser aceitos como parte da experiência humana, enfatizando a criação de valores próprios e a liberdade individual. O artigo examina como o terremoto serviu como catalisador para o surgimento de novas abordagens filosóficas, do iluminismo ao existencialismo, oferecendo uma reflexão sobre a capacidade humana de lidar com a ausência de respostas transcendentais.

Palavras-chave: Terremoto de Lisboa. Filosofia iluminista. Existencialismo. Racionalismo. Voltaire. Kant. Nietzsche.

Abstract: The Lisbon earthquake of 1755 had a profound impact on Western philosophy, challenging the traditional view of a just and world-controlling God. This tragic event led thinkers such as Voltaire, Kant and Nietzsche to rethink the role of reason, religion and morality in explaining human suffering. Voltaire criticized Leibniz's theological optimism, while Kant explored the limits of human reason in the face of tragedy. Nietzsche, in turn, proposed that suffering and chaos should be accepted as part of the human experience, emphasizing the creation of one's own values and individual freedom. This article examines how the earthquake served as a catalyst for the emergence of new philosophical approaches, from the Enlightenment to Existentialism, offering a reflection on the human capacity to deal with the absence of transcendent answers.

Keywords: Lisbon earthquake. Enlightenment philosophy. Existentialism. Rationalism. Voltaire. Kant. Nietzsche.

Introdução

Este artigo tem como objetivo examinar o impacto do terremoto de Lisboa de 1755, não apenas como uma catástrofe natural, mas como um marco que alterou profundamente o pensamento filosófico europeu. Esse evento trágico levou muitos a questionarem a noção de um Deus justo e controlador do mundo, abrindo espaço para que o racionalismo ocupasse o papel antes preenchido pela religião. Filósofos como Voltaire e Kant buscaram respostas na razão, na ciência e

¹ UNIOESTE. E-mail: nikolascoppi@outlook.com

na lógica, propondo que, em vez de aceitarmos tudo como parte de um plano divino, deveríamos usar o intelecto para investigar a realidade e buscar progresso e ordem de forma autônoma.

Porém, no final do século XIX, Nietzsche nos alerta contra os perigos de seguir qualquer ideia de forma cega, até mesmo o racionalismo. Ele afirma que, ao deixar a religião e abraçar a razão como uma nova ‘verdade absoluta,’ arriscamos substituir um sistema de crenças por outro igualmente limitador. Para ele, a razão não pode oferecer todas as respostas, e só a liberdade individual – mesmo diante da falta de sentido universal – nos permite viver autenticamente. Esse caminho abre as portas para o existencialismo, que abraça o paradoxo e desafia o ser humano a criar seu próprio significado em um mundo que não fornece respostas fáceis.

Não pretendo esgotar o pensamento de cada filósofo aqui discutido, mas sim oferecer uma interpretação sobre como o terremoto impactou a trajetória da filosofia ocidental. Minha intenção é destacar como um evento natural pode ter gerado um abalo duradouro na visão de mundo da época, promovendo um distanciamento da religião e uma reavaliação das capacidades e limitações da razão e, mais tarde, abrindo espaço para uma abordagem existencialista.

O Abalo da Ordem Divina: O Impacto do Terremoto de Lisboa no Pensamento Filosófico

O Terremoto de Lisboa provocou uma profunda crise de fé na Europa moderna, gerando um intenso debate filosófico e teológico sobre a existência e a natureza de Deus, assim como sobre o lugar do mal e do sofrimento na vida humana. Antes do terremoto, a visão dominante na Europa ocidental era a de um universo ordenado e guiado por um Deus benevolente, cuja justiça e bondade sustentavam a ordem moral do mundo. No entanto, o cataclismo de Lisboa, com sua violência indiscriminada e devastadora, abalou essa concepção tradicional, questionando a noção de um Deus todo-poderoso e justo que permitiria tamanha destruição e sofrimento sem motivo aparente.

Voltaire, em *Cândido ou o Otimismo*, emerge como um dos primeiros e mais influentes críticos do teodicismo em face do desastre. Ele argumenta que o Terremoto de Lisboa expôs as fraquezas da crença otimista de que vivemos no "melhor dos mundos possíveis", uma ideia amplamente popularizada pelo filósofo Leibniz. Através da figura de Pangloss, que insiste que "tudo acontece para o melhor", Voltaire satiriza a irracionalidade de justificar o mal em nome de um suposto plano divino superior.

Quando Cândido e Pangloss chegam a Portugal após um naufrágio, são confrontados com a destruição deixada pelo terremoto. Enquanto Cândido observa o sofrimento ao seu redor, Pangloss persiste na defesa de um desígnio divino benéfico, ignorando a dor que testemunham. Essa cena expõe a cegueira da filosofia otimista, que busca justificar o mal como parte de uma ordem cósmica boa e necessária. Ao usar o terremoto para ilustrar o absurdo de tal filosofia, Voltaire nos faz questionar se é possível conciliar a ideia de um Deus todo-bondoso com a realidade de um sofrimento tão devastador e sem sentido aparente.

Para Voltaire, o desastre de Lisboa prova que o sofrimento não precisa de explicação moral ou de justificativa teológica; muitas vezes, ele simplesmente existe. Em seu relato, o terremoto de Lisboa simboliza uma realidade brutal e caótica, minando a ideia de que o universo opera segundo uma ordem justa e benevolente. Nesse sentido, Voltaire sugere que é preciso abandonar o otimismo cego e aceitar a realidade como ela é, mesmo que isso signifique reconhecer a existência de um mal inexplicável.

Kant também refletiu sobre os limites do entendimento humano em face de tragédias como o Terremoto de Lisboa, embora ele não tenha discutido diretamente o evento. Kant acreditava que eventos de tal magnitude exemplificam as fronteiras da razão e as limitações da capacidade humana de compreender o propósito de Deus ou do universo. Em sua *Crítica da Razão Pura*, Kant explora como a razão é incapaz de fornecer respostas absolutas sobre questões metafísicas, como a existência de Deus ou a justificativa do sofrimento.

“Mas, por si só, o ceticismo não nos fornece nenhuma informação específica em relação aos limites de nosso conhecimento. Todas as tentativas dogmáticas

malsucedidas da razão são faciais, que é sempre útil submeter à censura do cético. Mas isso não pode nos ajudar a tomar nenhuma decisão sobre as expectativas que a razão almeja para obter mais sucesso em empreendimentos futuros; as investigações do ceticismo não podem, portanto, resolver a disputa sobre os direitos e poderes da razão humana.” — Kant, *Crítica da Razão Pura*, p. 607

Kant vê o ceticismo como uma crítica valiosa às pretensões excessivas da razão, mas reconhece que ele, por si só, não fornece um caminho positivo para o conhecimento. Para Kant, tanto o dogmatismo (a defesa de certezas sobre o propósito divino) quanto o ceticismo (a negação de qualquer possibilidade de compreensão) são insuficientes. O ceticismo revela que a razão humana não pode alcançar um entendimento absoluto, mas isso não significa que se deve abandonar a busca por conhecimento. Kant propõe, assim, uma atitude de humildade diante das limitações da razão, onde o terremoto de Lisboa serve como um exemplo do tipo de fenômeno que escapa ao alcance das explicações humanas. Para ele, a tragédia ensina que devemos aceitar os limites da razão e da ciência, deixando espaço para uma compreensão ética do sofrimento que não se baseia em explicações simplistas ou divinas.

Enquanto Voltaire e Kant buscam alternativas ao otimismo teológico, Nietzsche leva a ruptura com a ideia de uma ordem moral transcendental a uma conclusão radical em *O Nascimento da Tragédia*. Nietzsche não apenas desafia a ideia de um Deus benevolente, mas questiona a própria base da filosofia ocidental: a busca por ordem, moralidade e sentido em um mundo que ele vê como caótico e irracional. Sua crítica se concentra na oposição entre os impulsos apolíneo e dionisíaco: o primeiro representa a racionalidade, a individuação e a harmonia, enquanto o segundo encarna o caos, a emoção e a unidade da experiência humana.

Nietzsche argumenta que a busca apolínea por estrutura e racionalidade leva à rigidez e à estagnação, semelhante às tradições egípcias que congelaram a vida em formas estáticas. Em contraste, o impulso dionisíaco representa a aceitação do caos e a afirmação da vida em toda sua intensidade e complexidade. No contexto de sua filosofia, o terremoto de Lisboa pode ser visto como uma

manifestação dionisíaca — um símbolo da destruição das certezas apolíneas e da necessidade de abraçar a realidade em sua dualidade, sem a expectativa de uma ordem divina ou moral fixa que justifique o sofrimento.

Nesse sentido, Nietzsche vê o terremoto como uma metáfora para o abalo das crenças tradicionais, a desestabilização das certezas e a possibilidade de criação de novos valores. Ele propõe que, diante de um mundo que não oferece respostas transcendentais, cabe ao indivíduo criar seu próprio sentido e seus próprios valores, aceitando a realidade como um conjunto de contradições e complexidades inevitáveis. Como Nietzsche afirma: "Tudo o que existe é justo e injusto e em ambos os casos é igualmente justificado. Isso é o teu mundo! Isso se chama um mundo!" (*Nietzsche, O Nascimento da Tragédia, p.68.*)

Essa citação encapsula a ideia de que a realidade é multifacetada, composta por opostos e contradições, e que a aceitação dessa dualidade é essencial para uma compreensão mais profunda da existência. Nietzsche não busca um sentido fixo ou uma justificativa moral para o sofrimento; ao contrário, ele convida à celebração da vida em sua plenitude, reconhecendo que a verdadeira sabedoria reside na capacidade de navegar pelas incertezas e contradições. Para ele, a tragédia de Lisboa seria uma ilustração da necessidade de transcender a moralidade tradicional e abraçar o caos como uma parte vital da experiência humana.

297

A razão em Colapso: Kant, Ceticismo e a Limitação do Conhecimento

Após o terremoto de Lisboa, a razão se estabeleceu como uma ferramenta central para tentar explicar o mundo e guiar a conduta humana. No entanto, por mais que o racionalismo tenha oferecido soluções práticas e éticas, ele revelou suas limitações. A incapacidade de responder a perguntas fundamentais levou muitos filósofos a questionarem se a razão, sozinha, poderia realmente oferecer um consolo genuíno para as inquietações humanas.

Voltaire, embora crítico do otimismo teodiceísta, reconhecia que a racionalidade, isoladamente, não conseguia preencher o vazio existencial deixado pela ausência de respostas divinas. No final do livro *Cândido ou o otimista*,

Cândido responde a Pangloss: “Tudo isso está muito bem dito — respondeu Cândido —, mas devemos cultivar nosso jardim” (Voltaire, *Cândido ou o otimista*, p. 162). Essa frase remete a um escape prático e imediato das incertezas existenciais, mas não resolve o anseio humano por respostas às grandes questões da vida. Ela simboliza a aceitação do indeterminismo do mundo, onde os acontecimentos não obedecem a um propósito divino ou a uma necessidade predeterminada.

Esse gesto final representa o rompimento de Cândido com o determinismo, à medida que ele passa a buscar autoafirmação no presente. Ele compreende que, embora suas ações não controlem o curso do universo, elas possuem um impacto real no agora e potencialmente no futuro. Limitando seus esforços ao que está ao seu alcance, Cândido adota uma postura prática diante da incerteza, concentrando-se nas ações imediatas como fonte de sentido em meio a um mundo imprevisível.

Kant explora a ideia de que, embora a razão seja eficaz para compreender o mundo físico e resolver questões práticas, ela não pode fornecer respostas definitivas sobre questões metafísicas, como a existência de Deus, a natureza da alma ou o propósito do universo. Kant distingue entre o mundo fenomênico (o mundo das aparências e do conhecimento empírico) e o mundo numênico (a realidade última, que permanece inacessível ao entendimento humano).

Essa aceitação das limitações racionais deixa um espaço de incerteza e mistério, gerando desconforto em um contexto que, após o terremoto de Lisboa, já estava abalado pelo ceticismo. Kant sugere que é preciso conviver com essa incerteza e que a razão, mesmo imperfeita, é nossa melhor ferramenta. Ele oferece um caminho de humildade filosófica, onde a razão guia a ação ética dentro dos limites que nos são acessíveis, mas sem a pretensão de alcançar uma verdade final ou absoluta.

Nietzsche aprofunda a crítica às respostas racionais e religiosas, argumentando que ambas falham em oferecer um sentido verdadeiro e autêntico. Sua famosa declaração de que “Deus está morto” expressa a realidade de um mundo onde tanto as explicações religiosas quanto os valores morais herdados entram em colapso. A “morte de Deus” representa o fim dos fundamentos

tradicionais que sustentavam o sentido e a moralidade, e expõe o vazio que surge quando esses sistemas caem.

Nietzsche vê nesse vazio não apenas uma perda, mas uma oportunidade de enfrentamento direto com o "abismo" da existência. Ele argumenta que o verdadeiro desafio não é preencher o vazio com novas ilusões, sejam elas de caráter religioso ou racional, mas sim confrontar o absurdo da vida e aceitar a ausência de uma ordem moral ou propósito transcendente. Nietzsche propõe o niilismo ativo, no qual o indivíduo não cede ao desespero, mas assume uma postura criativa, estabelecendo seus próprios valores em meio ao caos.

Essa distinção entre o niilismo passivo e o niilismo ativo, **que foi deixado em seus escritos póstumos**, é fundamental: enquanto o niilismo passivo responde ao colapso de valores absolutos com apatia e resignação, o niilismo ativo é uma afirmação da vida e de suas possibilidades. Nietzsche defende que, ao reconhecer a falta de sentido intrínseco no universo, o indivíduo pode viver com energia e criatividade, criando seu próprio sentido e propósito. Esse é o caminho do "super-homem", que Nietzsche enxerga como aquele que supera as ilusões tradicionais e estabelece uma moralidade própria e autêntica.

Do Iluminismo ao Niilismo: A Rejeição da Moralidade Tradicional

Se o Terremoto de Lisboa simbolizou o rompimento com a noção de um Deus providente, ele também impulsionou uma busca por novas formas de entendimento e consolo diante da ausência de sentido divino. O racionalismo iluminista emergiu como uma tentativa de substituir a religião como a base para entender o mundo e guiar a conduta humana. Este capítulo explora como o uso da razão foi defendido como um antídoto para o vazio deixado pela desintegração das explicações religiosas tradicionais.

Voltaire, em sua obra *Cândido ou o Otimismo*, critica a teodiceia otimista, que defende que o mal e o sofrimento são parte de um plano divino que visa o bem maior. Ao longo da narrativa, ele utiliza a razão como uma ferramenta essencial para confrontar a injustiça e as adversidades da vida. Em meio a uma série de desastres e desilusões, Voltaire propõe que, diante da realidade cruel do

mundo, o ser humano deve se voltar para a ação prática e o cultivo do próprio espaço vital, simbolizando uma abordagem mais realista e ativa na busca por significado e felicidade.

Tudo isso está muito bem dito - respondeu Cândido, - mas devemos cultivar nosso jardim (Voltaire, *Cândido ou o otimista*, p. 162)

Cândido, ao dizer que "cultivar o seu jardim," está, em essência, rejeitando o otimismo filosófico de Pangloss, que afirma que "tudo acontece para o melhor no melhor dos mundos possíveis." Após passar por tantas desgraças e decepções, Cândido percebe que as teorias filosóficas não oferecem soluções práticas para os problemas reais da vida. A frase final encapsula a jornada de Cândido ao longo da narrativa, refletindo sua evolução de um jovem ingênuo e otimista para um homem mais maduro e consciente da realidade.

Immanuel Kant propõe uma reestruturação mais profunda do papel da razão no mundo pós-teológico. Em *Crítica da Razão Pura*, ele argumenta que a razão humana, embora limitada, é a melhor ferramenta que temos para entender o mundo e orientar nossas ações. Kant não nega a existência de Deus, mas sugere que a razão é capaz de formular uma moral universal baseada no "imperativo categórico", que estabelece princípios éticos sem a necessidade de invocar Deus.

300

Todo o curso de nossa vida deve estar sujeito a máximas morais; mas isso é impossível, a menos que, com a lei moral, que é uma mera ideia, a razão conecte uma causa eficiente que ordena a toda conduta que esteja em conformidade com a lei moral, um problema nesta ou em outra vida, que esteja em conformidade exata com nossos mais altos objetivos. Assim, sem um Deus e sem um mundo, invisíveis para nós agora, mas esperados, as ideias gloriosas da moralidade são, de fato, objetos de aprovação e admiração, mas não podem ser as fontes de propósito e ação. Pois eles não satisfazem todos os objetivos que são naturais para todo ser racional, e que são determinados a priori pela pura razão em si e necessários. — Kant, *Crítica da Razão Pura*, p. 643

Kant entende a razão como uma ferramenta capaz de sustentar a ética sem precisar invocar diretamente Deus como uma autoridade. A razão define o que é moralmente certo e age como uma bússola ética, enquanto a ideia de Deus ou de uma ordem transcendente fornece um sentido de propósito e um objetivo último

que complementa o entendimento moral. Essa moralidade racional não é uma substituição completa da religião, mas é uma base sólida para se agir eticamente, algo que, segundo Kant, cada ser racional pode acessar independentemente de crenças religiosas.

Nietzsche apresenta uma perspectiva em que a razão se transforma em uma força criativa e vital. Em *O Nascimento da Tragédia*, ele contrapõe o espírito apolíneo, que representa a razão e a ordem, ao espírito dionisíaco, que encarna o caos e a irracionalidade. Nietzsche argumenta que devemos aceitar o caos e o sofrimento como elementos inevitáveis da existência, em vez de tentar dissolvê-los em explicações racionais ou científicas. Ele nos convida a utilizar nosso intelecto de maneira criativa para construir significados pessoais e valores próprios, reconhecendo que a verdadeira riqueza da vida reside na experiência profunda e multifacetada que o espírito dionisíaco nos oferece. Essa abordagem nos permite transcender a visão limitada do "homem teórico", que busca controlar e simplificar a vida, e abraçar a complexidade e a intensidade da condição humana.

301

A forma mais nobre daquela outra 'serenojovialidade helênica', a alexandrina, é a serenojovialidade do homem teórico: ela exhibe os mesmos signos característicos do espírito não-dionisíaco — combate a sabedoria e a arte dionisíacas, dissolve o mito e substitui uma consolação metafísica por uma consonância terrena, por um deus ex machina próprio, o deus das máquinas e crises, ou seja, as forças dos espíritos naturais conhecidas e empregadas a serviço do egoísmo superior. Esse homem acredita na correção do mundo pelo saber, em uma vida guiada pela ciência, e é efetivamente capaz de desterrar o ser humano individual em um círculo estreito de tarefas solucionáveis, dentro do qual ele diz serenojovialmente para a vida: 'Eu te quero: tu és digna de ser conhecida.' — Friedrich Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia*, p. 107

A "serenojovialidade do homem teórico" é caracterizada por uma visão que busca entender e controlar o mundo através da razão e da ciência, substituindo as explicações míticas e religiosas por uma "consolação terrena". Isso significa que, em vez de buscar um sentido ou propósito em uma ordem divina, o homem teórico encontra alívio e significado em estruturas racionais e científicas.

Nietzsche critica essa abordagem, sugerindo que ela pode levar a uma vida limitada e mecanicista, onde o indivíduo é aprisionado em um "círculo estreitíssimo de tarefas solucionáveis". Essa visão reduz a complexidade da experiência humana a problemas que podem ser resolvidos, ignorando a profundidade do sofrimento e do caos que são partes inevitáveis da existência.

A referência ao "deus das máquinas e crises" sugere que essa abordagem racionalista transforma a vida em um processo mecânico, onde as forças naturais são manipuladas para servir ao egoísmo humano, em vez de abraçar a riqueza e a profundidade da experiência dionisíaca. Assim, Nietzsche propõe que essa forma de "serenojovialidade" é uma forma de negação da verdadeira essência da vida, que é complexa, caótica e muitas vezes dolorosa.

A Filosofia do Absurdo: Camus, Sísifo e a Busca de Significado

Esse sentimento de vazio deixado pela razão culmina, no século XX, nas reflexões de filósofos existencialistas como Albert Camus. Absurda –. Em seu ensaio *O Mito de Sísifo*, Camus explora a ideia de que a vida é essencialmente absurda. O ser humano, em sua busca por sentido, se depara com um universo que permanece silencioso e indiferente. O "absurdo" surge no exato momento em que o homem, com sua razão, tenta encontrar um propósito em um mundo que não oferece respostas definitivas.

Para Camus, a única resposta autêntica ao absurdo é a revolta: uma decisão consciente de continuar vivendo e atribuindo significados, mesmo sabendo que esses significados são temporários e nunca transcendentais. A revolta, nesse sentido, não oferece um consolo religioso ou espiritual, mas representa uma forma de resistência ativa contra o niilismo passivo, aproximando-se de um "niilismo positivo" ou "niilismo ativo". Esse tipo de revolta lembra as ideias de Nietzsche, que também via a criação de valores como uma resposta ao vazio existencial.

Camus utiliza o mito grego de Sísifo como metáfora da condição humana. Sísifo, condenado a rolar uma pedra montanha acima repetidamente, apenas para vê-la descer toda vez, simboliza a luta incessante do ser humano contra o

absurdo da vida. Para Camus, a situação de Sísifo reflete a própria vida humana: uma jornada de esforços contínuos e sem respostas definitivas. Ainda assim, Camus sugere que, ao aceitar sua condição e se comprometer com essa luta sem fim, Sísifo se torna uma figura vitoriosa, pois ele afirma sua liberdade e desafia o absurdo a cada subida.

A resposta de Camus ao absurdo não é a resignação nem o suicídio – seja ele físico ou filosófico. Para ele, a revolta é o compromisso de continuar buscando e criando significados, mesmo sabendo que eles não são absolutos. Essa revolta é uma forma de liberdade que permite ao ser humano confrontar o vazio e temporariamente preencher as lacunas deixadas pela ausência de respostas religiosas ou racionais. Camus aponta sua recusa em se render a explicações prontas que tiram do indivíduo o peso de sua própria existência. Em seu livro *O mito de Sísifo*, ele afirma:

Compreendo então por que as doutrinas que me explicam tudo ao mesmo tempo me enfraquecem. Elas me livram do peso da minha própria vida, e no entanto preciso carregá-lo sozinho. Neste ponto, não posso conceber que uma metafísica cética se alie à moral da renúncia — Albert Camus, *O Mito de Sísifo*, p. 49.

303

Para Camus, o indivíduo pode construir sua própria existência por meio de atos de criatividade, amor e escolhas conscientes. Ao afirmar a vida com todos os seus desafios e incertezas, o "homem absurdo" escolhe viver, não desistir. Sua liberdade reside na decisão de recusar o desespero e, em vez disso, construir sentido continuamente, sabendo que essa construção é uma escolha individual e sempre inacabada.

A Herança do Terremoto: O Legado Filosófico e a Reinvenção do Sentido

O terremoto de Lisboa de 1755 não foi apenas uma catástrofe física; ele lançou uma profunda crise de fé que, ao longo do tempo, remodelou a consciência filosófica ocidental. Em resposta ao abalo nas certezas religiosas, os filósofos iluministas como Voltaire e Kant canalizaram suas esperanças para o racionalismo, acreditando que a razão e o progresso poderiam substituir o vazio deixado pela ausência de explicações divinas. Voltaire, ao condenar o otimismo

simplista, e Kant, ao propor uma humildade racional, pavimentaram o caminho para uma reflexão ética e científica. Ambos buscavam, em graus variados, fornecer uma nova estrutura de significado, mas Nietzsche e Camus desafiaram a própria capacidade da razão em preencher o vazio existencial de maneira satisfatória e duradoura.

Nietzsche nos alerta para os perigos da adesão irrestrita ao racionalismo, considerando que a razão, assim como a religião, também pode se transformar em um sistema limitador. Em seu niilismo ativo, ele nos convida a encarar o caos como uma fonte de criação e renovação, um campo aberto para a redefinição dos valores individuais, em que a existência não depende de um sentido predeterminado, mas da força de um impulso afirmativo frente ao desconhecido. Já Camus, com sua visão do absurdo, completa esse percurso intelectual iniciado em Lisboa. Ele propõe que a resposta ao vazio não reside na aceitação resignada ou na renúncia, mas sim na revolta. Sua filosofia do absurdo convida o ser humano a viver de maneira autêntica e criativa, mesmo diante da ausência de garantias transcendentais. A resistência de Sísifo, aceitando sua condição e afirmando a vida, torna-se uma metáfora do indivíduo que persiste, mesmo sabendo que o sentido que constrói é sempre imperfeito e temporário.

A sequência histórica e filosófica que começou com o terremoto de Lisboa e se estendeu até as reflexões de Nietzsche e Camus demonstra que o colapso das respostas tradicionais gerou não apenas uma crise, mas também uma oportunidade de reinvenção. Esse momento de ruptura abre uma nova forma de compreensão, em que o vazio existencial, longe de ser algo a temer, passa a ser visto como uma dimensão a ser confrontada e explorada. É a partir dessa perspectiva que o ser humano moderno encontra, paradoxalmente, um novo tipo de força, uma força que não vem de certezas, mas da aceitação das próprias limitações e da coragem de viver em um mundo sem verdades absolutas.

O legado do terremoto de Lisboa, portanto, não reside apenas nas mudanças que ele gerou no pensamento acadêmico, mas também na transformação da maneira como os indivíduos encaram a própria condição humana. Ele nos lembra que o desafio da filosofia não é apenas preencher o vazio, mas nos ajudar a habitá-lo com coragem, criatividade e autenticidade.

“Somos incapazes de escapar da instabilidade, pois é dela que surgem novas possibilidades.” — Ilya Prigogine, O Fim das Certezas.

Referências

Voltaire. *Cândido ou o otimismo*. Tradução de Carolina Selvatici. São Paulo: Monte Cristo Editora, 2021.

Kant, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Nietzsche, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

Submissão: 25. 11. 2024

/

Aceite: 15. 12. 2024

305